

DOMÍNIO DE SALA: AUTORITARISMO CAMUFLADO

Ivanisevic Agnes de Sousa Matos¹

Carlos Almeida de Sá²

Noélio Nonato Alves³

Ranildo Garcia Monteiro⁴

Monica Emanuela Nunes Maia⁵

RESUMO

Este artigo pretende problematizar as relações pedagógicas-metodológicas pontuadas e abordadas entre profissionais da educação intituladas como “domínio de sala”. O artigo tem como objetivo refletir sobre quais os significados desse domínio no espaço da sala de aula e como tal domínio se perpetua no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. A metodologia, caracteriza-se como uma pesquisa de campo, advindo da práxis do estágio supervisionado IV, no ensino fundamental anos finais. As observações, participação e regência na disciplina de História são os passos que contribuíram para discutir e problematizar as relações existentes entre Autoridade e Autoritarismo presente em sala de aula, assim como, o autoritarismo podem influenciar nas relação pedagógicas entre professor – aluno. As relações de autoridade vivenciadas em seu reflexo de domínio, ocorreram dentro de uma escola pública na cidade do Crato, interior do Ceará, nas aulas de História, onde podemos considerar o estabelecer paralelo entre o professor e o ensino que este oferece. Compreendemos os educadores como agente sociocultural e político, são eles que têm a tarefa e as condições as quais são necessárias ao exercício da aprendizagem e o ser cidadão onde este conseguirá possibilitar e instigar seus estudantes a experimentar e vivenciar as relações interpessoais, culturais refletindo as diferenças presentes no espaço da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História, Fazer da Docência, Domínio de Sala.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho procuramos, discutir, refletir sobre o ideal, que o senso comum rotula como o dito “professor bom”, este se caracteriza pela sua autoridade em sala de aula, o que eles mesmos denominam como domínio de sala de aula, que consiste em uma aula com o tom de voz elevado, olhares de medo ou desatenção por parte dos alunos e uma aula sem brechas para um diálogo ou intervenção diferente.

¹ Graduando em Licenciatura plena em História e Bolsista do programa Residência Pedagógica pela Universidade Regional do Cariri – URCA, ivanisevicagnes5@gmail.com;

² Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA, carlinhosweres@gmail.com;

³ Graduando em Licenciatura plena em História e Bolsista do programa Residência Pedagógica pela Universidade Regional do Cariri – URCA, noeliononato456@gmail.com;

⁴ Graduando em Licenciatura plena em História e Bolsista do programa Residência Pedagógica pela Universidade Regional do Cariri – URCA, ranildogarcia@gmail.com

⁵ Professora substituta do curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri – URCA e Mestre pela Universidade Federal do Ceará – UFC, monicaemanuelanm@gmail.com.

Trabalhamos essa temática por ser relevante para analisar situações observadas durante o período de estágio supervisionado IV⁶ no Ensino Fundamental anos finais, e por ainda retroceder corriqueiramente ao autoritarismo no cotidiano do ensino regular, tendo em vista, que há novos métodos e novas tecnologias educacionais aliadas com o processo de ensino-aprendizagem e que aproximam professor e aluno. Mas percebemos, por um lado que o autoritarismo em sala de aula não saiu da realidade, embora, haja nas formações de professores, nos cursos de licenciatura plena, nas reformulações curriculares propostas que em sua maioria projetam qualificar e dinamizar o fazer decente, visando sempre aperfeiçoar os diversos níveis educacionais, inserindo o professor em novas metodologias de ensino e aprendizagem, diminuindo assim as relações de poder e autoridade em sala de aula. Ainda observamos o predomínio das relações autoritárias no espaço da sala de aula.

Por outro lado, as relações pedagógicas entre professor e alunos vão determinar a dinâmica do espaço em sala de aula, é evidente, que em uma relação de poder e autoridade partindo do professor, nesse caso o professor de história, tal relação pode causar reações de inibir e intimidar os alunos, destruindo a essência do ensinar história. Entretanto, acredita-se que poder e autoridade em sala de aula buscam conter a “*indisciplina*” e provocar o respeito mútuo entre professor/aluno baseado em competência e no empenho. Conforme explica Novais (2004);

“[...] a autoridade do professor é vista como poder legitimado pelas partes envolvidas, que surge da aliança entre o conhecimento e a experiência na condução da classe, buscando orientar o indivíduo, ajudar o aluno a crescer social, psicológica e intelectualmente.”
(2004, p. 26)

Nesta perspectiva, é importante ressaltar que o Ensino de História, na mediação do professor, mesmo que seja autoritário, é crucial para inserir os alunos em suas realidades, formar cidadãos com criticidades particulares, dando-lhe vários e diferentes olhares aos acontecimentos históricos, desperta-lhes relações afetivas de pertencimento com o fazer história, instigar cada vez mais a curiosidade, aguçar as diversas interpretações históricas e compreender também as noções de geografia, cidadania, literatura, artes, filosofia, sociologia, antropologia.

Neste âmbito, mostramos algumas finalidades e possibilidades que poderão ocorrer nas relações do Ensinar História, que tal relação, dá credibilidade, poder e força para quem detêm esses conhecimentos, na realidade isso pode ser bem mais extenso, pois cada educador

⁶ Disciplina obrigatória da grade curricular do Curso de Licenciatura em História da Universidade Regional do Cariri - URCA

tem suas formas próprias formas de trabalho e os alunos têm seus diversos níveis de cognição. Nessa ocasião, estão inseridos os professores que além dos problemas que encontram em sua formação profissional, a exemplo de constante desvalorização da docência e atualmente opressão por não poder expressar suas opiniões e autonomia, além de lidar com o forte desinteresse dos alunos na disciplina de história ou em sala de aula. Diante deste cenário o autoritarismo do professor emerge com força motriz, foco principal deste estudo, que parte de uma análise da pesquisa em campus na experiência de observação e regência no ensino fundamental anos finais.

RELAÇÃO DE PODER E AUTOTITARISMO EM SALA DE AULA: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NO COLÉGIO LICEU DIOCESANO DE ARTES E OFÍCIO.

A experiência de estágio no colégio foi gratificante e estimuladora, pois esses foram os primeiros passos nesse mundo real da docência, da vivência do “ser” professor, mesmo que sendo estágio de caráter observatório e de regência, devido a sua extensa carga horária ministrei aulas para turmas de sétimo e oitavo anos, do ensino fundamental II, nos turnos da manhã e tarde em 2018 e 2019. O estágio iniciou no dia 08 de agosto de 2018 e nosso locus de observação era basicamente as turmas mencionadas, cada turma com média de 30 alunos.

A participação constante no cotidiano da escola, possibilitou que conseguimos observar e entender uma boa parte dos meandros do funcionamento da escola, e também tínhamos passagem livre entre todos os ambientes da escola. O espaço dos professores, cuidadores, coordenação, alunos, os demais funcionários da escola, além de uma variedade de estagiários dos cursos de licenciatura em geografia e educação física, pois a mesma é muito receptiva com os estagiários e a instituição Universidade Regional do Cariri - URCA.

O primeiro contato com o professor foi de muita receptividade, e algumas vezes, até com alguns gracejos para que durante nosso percurso, quebrasse o clima protocolar, talvez para afinar a relação entre professor – estagiário. No decorrer do trajeto, mostra-nos todos os espaços físicos do colégio: coordenação, diretoria, refeitório, biblioteca, quadra, sala dos professores, sala de vídeo, sala de brinquedos para crianças com deficiência. O restante do dia, ele apresenta-nos aos alunos durante suas aulas como os “estagiários da Urca” explicando que iremos auxiliar ele nas suas atividades e passa seus horários de aula e de planejamento no período matutino e vespertino. Para nossa surpresa ou não, ele nos fala que é formado em Geografia, contanto, ministrava também aulas de História e Religião.

Então, começamos a acompanhar as suas aulas, como observadores. Após as primeiras semanas o foco foi na disciplina de História para que uníssemos nossas experiências metodológicas com essa vivência interdisciplinar.

A partir de conhecimentos prévios a qual deparamos, somado as experiências vivenciadas até esse momento, começamos a regência. Na qual, a sala de aula se “transformou” no meu ambiente de investigação onde eu cruzava os estudos e conseguia acumular as observações para discutir a temática o domínio do professor na sala de aula. Tais como, a diferença de comportamento dos estudantes em aulas ministradas por diferentes professores, a mudança no conduta dos alunos ao diminuir ou aumentar do tom de voz dos professores, como isso se relacionava com o desempenho dos educandos em sala e seus desempenho nas avaliações, e não menos importante na pesquisa, ouvir os comentários das crianças com os colegas, professores e com os estagiários, que não ficávamos apenas nessa bolha de observação, mas que fazíamos interferências essenciais para a pesquisa e, as vezes, servíamos para legitimar um ou outro discurso dos professores, pois mesmo sem concordar em determinados momentos, não era uma situação que nos convinha eticamente apresentar nossa discordância.

Nesse sentido, é importante refletimos sobre as diversas formas do exercício da autoridade em sala de aula e como suas implicações espelham-se e refletem-se no cotidiano escolar dos educandos. Segundo Furlani (1991) o autoritarismo baseia-se na posição de hierarquia, nesse sentido, o professor autoritarista ocupa posição de hierarquia de maior centralidade acima dos educandos, tal autoridade só se faz presente em sala de aula porque a autonomia do professor é pré-estabelecida., sendo assim, Furlani (1991) comenta:

“O afastamento dos padrões ligados à conservação e transmissão de determinados valores sociais, ainda presentes em nossa sociedade, pode gerar insegurança de que falam os professores, quando muitas vezes justificam uma concepção de autoridade baseada na reprodução da hierarquia social e escolar. O professor exerce o poder inerente aos seus quatro papéis de forma a manter inquestionável e distante de críticas a sua posição, seja em âmbito institucional ou pessoal, ao mesmo tempo que o aluno não pode exercer seu poder na vivência de modelos no relacionamento com os colegas e o próprio professor. (FURLANI, p. 33 34)

Nesse tipo de autoridade, fica evidenciado que a hierarquia faz com que o professor se priva de responder as críticas e observações que os alunos possam fazer, colocando em questão à fragilidade da atuação docente, uma vez que, a autoridade protege os conhecimentos da formação docente das ameaças advindas das perguntas dos alunos. Por outro lado, o não oportunizar os alunos, ou seja, não dar voz para que eles se expressem em sala de aula, pode a

gerar um efeito de “desaprendizagem”, e ou negação acesso a mesma e ainda pode levar a indisciplina.

Esse tipo de autoridade, se faz presente, em maior parte, na bagagem dos profissionais da educação e cada um deles de acordo com suas experiências e vivências, utilizam-se dessas formas de maneiras mescladas na grande maioria das vezes para que a partir dessa condição consigam “dominar a sala” e também algumas situações inusitadas que acontecem no ambiente escolar.

Entre os professores observados, percebemos com maior frequência o uso da autoridade legal e a punitiva, e uma parece afirmar e explicar a validade da outra, e assim não há questionamentos sobre os meios utilizados pelo professor. Por exemplo: um aluno comente alguma “transgressão” em sala de aula, como estar conversando muito, atrapalhando o andamento da aula, o professor poderá rapidamente usar um dos dois tipos de autoridade, sua autoridade legal, para que ele possa interferir de alguma forma naquele comportamento, seja diretamente ou indiretamente de formas punitivas como dever de casa, ameaçar tirar pontos de comportamento, e até sugerir que as avaliações terão um nível mais elevado do que o normal.

E no decorrer do aprendizado do professor que é constante como cita o Miguel Arroyo, no capítulo aprendizado do ofício, esse contato com esse domínio vai se desdobrando desde o primeiro contato como aluno, o segundo como estagiário e o terceiro como professor. Onde carrega esse aprendizado para o exercício profissional que vai adaptando esses tipos de poderes de acordo com a perspectiva educacional que ele adotará como mestre.

Nesse sentido apresentaremos algumas perspectivas educacionais e pedagógicas e como elas lidam com a problemática da autoridade, ou seja, o domínio em sala de aula.

FREIRIANA: Nessa pedagogia, baseada nos conceitos de Paulo Freire, os aspectos culturais, sociais e humanos do aluno devem ser levados em conta. Essa postura implica ouvir o aluno para ajudá-lo a construir confiança, para que ele possa entender o mundo por meio do conhecimento. Segundo Freire, o conhecimento faz sentido para o estudante quando o transforma em sujeito que pode transformar o mundo. Bom senso, humildade, tolerância, respeito, curiosidade são alguns dos princípios defendidos por essa corrente. A educação se torna uma ferramenta para “libertar” o aluno.

TRADICIONAL: Predominante na maioria das escolas do Brasil e, principalmente, nas escolas laicas, o que predomina é o ensino centrado no professor, que é um transmissor de conteúdo. O estudante tem metas a cumprir dentro de determinados prazos, que são verificadas por meio de avaliações periódicas. Quem não atinge a nota mínima necessária no

conjunto de avaliações ao longo do ano que está cursando é reprovado e tem de refazê-lo. É comum que essas escolas usem apostilas e cartilhas, que estabelecem o quanto a criança deve aprender em cada ano. Nessa perspectiva o que prevalece é a posição do professor que não deve se questionada;

ESCOLA COMPORTAMENTALISTA: Nessa pedagogia, o professor tem como tarefa controlar o tempo e as respostas dos alunos, dando-lhes feedback constante. O aluno é visto como alguém que pode aprender a partir de estímulos, que são recompensados, caso os objetivos sejam alcançados. A concepção comportamentalista tem foco na técnica, no processo e no material postos em jogo. O ensino deve ser bem planejado, com materiais instrucionais programados e controlados. O objetivo é que os resultados possam ser mensurados e que o estudante adquira os comportamentos desejados, moldados segundo necessidades sociais determinadas.

CONSTRUTIVISTA: Nas instituições que seguem os princípios construtivistas – baseadas na proposta de Jean Piaget – o conhecimento é ativamente construído pelo sujeito e não passivamente recebido do professor ou do ambiente. Cada estudante é visto como alguém com um tempo único de aprendizado e o trabalho em grupo é valorizado. Nas escolas construtivistas, são criadas situações em que o estudante é estimulado a pensar e a solucionar problemas propostos.

Também há provas e reprovação nessas instituições. No construtivismo a principal meta é criar seres capazes de construir, reconstruir e não repetir, simplesmente, o que as outras gerações fizeram. Seres que sejam criadores, inventores e descobridores. A segunda meta é formar mentes que tenham condições de criticar e não aceitar tudo que lhes é proposto. Além disso, a teoria de Piaget defende que o professor não deve apenas ensinar, mas, acima de tudo, orientar os alunos para uma aprendizagem autônoma.

Associando os estudos sobre as metodologias de ensino e psicologia da aprendizagem observa-se com facilidade que o método tradicional influencia diretamente para que a tal prática do “Domínio de sala” continue arraigado nas concepções dos professores, o que dificulta a relação Professor/Aluno. Nesse sentido, interessa pensar também na autonomia do aluno em sala de aula, visto que eles constituem o principal agente do Ensinar História em numa relação pedagógica entre professor e aluno. Entretanto a atuação do professor deve promover o desenvolvimento dos alunos nas diferentes dimensões social, afetiva, cognitiva, motora, autônoma e enquanto que o aluno deve assumir seu papel como sujeito da sua formação, concretizando o processo de ensino-aprendizagem, beneficiando ambas as partes: Professor e Aluno.

O domínio da sala de aula passa a ser um critério de seleção dos profissionais da educação, até certo ponto uma prática imposta pelas instituições aos novos professores. Pois, esse traço serve de parâmetro para contratação de novos professores, pois a postura de professores veteranos na casa serve como exemplo para os novos contratados. Devido a conjuntura das políticas educacionais dos dias atuais onde o ensino virou uma espécie de competição, para que a instituição de ensino consiga alguns fundos, verbas extras e alguns recursos que possam vir, e para que se possa competir, todos que compõem a mesma precisam apresentar a cada período letivo mais e mais resultados sem se importarem com os meios, essa política também contribui muito para que essa cultura do professor que tem controle de sala/conservadores continue prevalecendo nas salas de aula, seus discursos de autoritarismo, sempre disseminados, e ganhando até promoções dentro dos colégios que ainda escolhem seus diretores por eleições em que os candidatos possam ser os próprios professores, e além de serem os modelos para novas contratações.

E uma das principais discussões eram quais metodologias iríamos empregar ao começar a ministrar aulas, e se a metodologia escolhida seria realmente útil e conseguiríamos continuar apresentando os resultados que a escola exige. E estávamos observando na realidade, ou seja na realidade crua da educação, do ensino e da sala de aula que a postura autoritária prevalece. Isso não significa dizer que não existem outras posturas e que elas não funcionem. Observamos também professores que optavam por propor o diálogo em alguns momentos. Porém esse diálogo esbarra na conduta dos alunos, que além de não se importarem muito com a aprendizagem, notoriamente brincavam com o professor. Aqui nos inquietamos com outros problemas que vamos mencionar, mas cabe em outro estudo, por que nossos alunos possuem inúmeras dificuldade em lidar com o diálogo? Por que são mais afinados com posturas e comportamentos autoritários? Precisamos propor outras metodologias para ministrar nossas aulas? Temos que reinventar nossos modelos de ensino? As nossas disciplinas com nossos conteúdos precisam fazer sentido na vida real e prática desses estudantes?

A reflexão sobre a condução das nossas aulas nos trouxe esses questionamentos.

As metodologias de ensino e de trato com os conteúdos se relacionam diretamente com à autoridade do professor. Assim, podendo levar a diferentes tipos de domínio de sala. Vejamos um quadro com possibilidades que se tornaram consenso entre os estudiosos:

Metodologia	Autoridade	Domínio De Sala
Freiriana	Adorada, Carismática;	Pelo respeito e adoração do

		professor;
Tradicionalista	Legal, de Recompensa e punitiva;	Muitas vezes autoritário;
Comportamentalista	Legal, Carismática e de recompensa;	Carismática, tem o professor como facilitador, mestre;
Construtivista	Carismática e Adorada	O professor não consegue um domínio definitivo pois nessa situação os alunos são os protagonistas nesse modelo de ensino, pelo trabalho ativo dos alunos.

(Esse quadro é uma elaboração do autor, baseado nas leituras que realizei durante meu processo de formação até chegar do estágio.)

RELAÇÕES DE PODER NA ESCOLA

Nossa experiência de vida e nossos conhecimentos, bem como a responsabilidade em compartilhá-los, nos conferem esse poder de autoridade. Assim como também confere a todo profissional gabaritado em desempenhar sua função, em relação às pessoas que desfrutam de sua competência. Entretanto, na relação professor/aluno, o que temos testemunhado de ambas as partes são eventos em que o professor não é visto e nem se sente autoridade. Não há necessidade de ilustrar aqui tais situações. São, infelizmente, conhecidas por muitos de nós. Sendo o poder um elemento comum entre autoridade e autoritarismo, façamos uma única, porém, significativa distinção: uma autoridade tem seu poder legitimado por aqueles que a reconhecem como alguém admirável. Já o autoritarismo é o poder imposto, sem que haja com isso o reconhecimento daquele que é autoritário como alguém de autoridade. Parece confuso, mas é muito coerente: aquele que admiramos é autoridade para nós! Autoridade como ser humano, como profissional, enfim, admiramos quem é, o que faz e como faz! Portanto, autoridade tem a ver com admiração e respeito, não somente com obediência e submissão. Ser autoritário é justamente querer impor aquilo que não é legitimado. (VIVALDI, Flávia. 2014).

A definição de poder na sala de aula pode ser pensada a partir de uma definição de Bourdieu, sobre poder simbólico, (...) poder invisível que só pode se exercer com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele se submetem ou mesmo que o exercem. (Bourdieu, 1977, p.31) então conseguimos relacionar algo que até nós mesmos fomos “beneficiados” pelo poder simbólico que o professor possui no exercício efetivo da sala de aula, pois este por si só é um lugar político de hierarquias e poderes, onde afirmamos algumas práticas pedagógicas, sociais e culturais.

Vimos que essas relações são intensas, constantes e diferenciadas, pois, no momento em que o professor está em sala de aula ele utiliza de seu poder para impor respeito, e se não

consegue utilizar de suas ferramentas, por exemplo, um professor que segue a linhagem do professor tradicional, ele se utiliza de ferramentas ameaçadoras como suas provas, impondo dificuldades, ou correções mais minuciosas entre outras.

Já às relações entre os alunos, são bem mais complexas, pois envolve muito das individualidades de cada ser, o lugar onde moram, se são da mesma cidade ou cidades vizinhas, poder aquisitivo da família, religião, orientação sexual, entre muitos fatores que os tornam diferentes, cada um com suas singularidades. De acordo com a pesquisa realizada essas especificidade implicam nas relações de poder que podem ou ser autoritárias e ter implicações no domínio de sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe sim e não há como negar que está embutido nas estruturas das escolas, o uso e até certa importância do poder simbólico, esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem.

E elas interferem diretamente nas relações, dentro da instituição escolar, interferindo no desempenho e desenvolvimento dos alunos, onde alguns alunos gostam muito de determinados professores e suas respectivas matérias, pelo modo como se dá a relação entre eles, pois se for uma relação mais horizontal onde o aluno sinta confiança no professor, tenha algumas afinidades, ele conseguirá se sair melhor em determinadas matérias por que consegue se envolver mais, consegue se comprometer com o conteúdo e desperta também no aluno uma preocupação em dar o melhor de si, para tentar mostrar seu desempenho e até impressionar o professor, o professor nesse tipo de relação, se mostra mais flexível em algumas situações, mostra interesse nas individualidades, se interessa pelos saberes que os alunos demandam, onde mora, o que gosta de fazer, e procura mostrar a importância do seu conteúdo mostrando as utilidades que pode ter no cotidiano das crianças para que elas usufruam disso para sua vida e para seus afazeres diários, isso o torna uma autoridade não por que ele quer, porém por que ele conquista isso.

Em contrapartida a esse caso o desempenho da aprendizagem pode ser influenciado por conta dessas relações, quando o professor não consegue mostrar um sentido para o que ele está propondo para os alunos, quando o professor não consegue propor uma relação mais próxima dos alunos, se utiliza do seu poder para ser autoritário. O que causa aos alunos quase que uma repulsa, que chega a níveis tão elevados que os alunos chegam a não aguentarem nem a voz do professor, quem dera ter um bom desenvolvimento nas suas disciplinas.

A partir das reflexões travadas aqui, sabemos que não são resultados que se generalizam, pois não se pode generalizar assuntos tão importantes, porém alguns pontos, são

básicos e importantes para contribuir para o processo de formação de professores. Dessa forma podemos concluir que apesar das relações de poder ainda serem presentes e predominantes, observamos que essa realidade pode ser alterada e repensada quando podemos no processo de formação tentar estabelecer relações dialógicas com o nossos interlocutores – os alunos - , possibilitando um forma de ensinar que se torne mais amplo, entretanto se qualificando e se tornando autoridade no que faz e onde faz, não pelo mal uso do poder, mas sim pelo reconhecimento dos demais envolvidos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org.) **Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus. 1999.

BERTRAND, **O Poder Simbólico: Pierre Bourdieu**, cap 1, Rio de Janeiro, 1998.

DIAS, Rodrigo, Bourdieu: **um clássico ainda não reconhecido como tal**, disponível em: <http://sociologiaeantropologia.blogspot.com/2012/06/resenha-de-o-poder-simbolico.html>.

Acesso em: 27 nov. 2018.

DOS SANTOS SILVA, ANTONIO; CARVALHO NETO, ANTONIO. **Uma contribuição ao estudo da liderança sob a ótica weberiana de dominação carismática RAM**. Revista de Administração Mackenzie, vol. 13, núm. 6, novembro-diciembre, 2012, pp. 20-47 Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, Brasil.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**, Paz e Terra Ltda. São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

NOVAIS, Elaine Lopes. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?**. Revista Linguagem e Ensino. Vol. 7, no. 1. Pelotas: Educat, p. 15-51, 2004. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf>. Acesso em 26 de out. 2016.

LUCIA, Maria; HELENA, Regina. **Conceitos de Educação em Paulo Freire**. Editora vozes.

SANTOS, Juliana Oliveira, **O Autoritarismo no Trabalho do Professor e as implicações para o ensino de literatura**. In: Revista Literatura e Autoritarismo, nº15.

VIVALDI, Flávia, **Autoridade e Autoritarismo nas Relações Educativas**, disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/982/autoridade-e-autoritarismo-nas-relacoes-educativas> .

Acesso em: 26 nov. 2018.